



---

ISSN Eletrônico: **2525-5908**

[www.revistafarol.com.br](http://www.revistafarol.com.br)

**As implicações estruturalistas sobre a História**

Wagner Tenório dos Santos

## As implicações estruturalistas sobre a História

Wagner Tenório dos Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** Analisar a História como ciência e disciplina é fundamental para entendermos as bases que as sustentam, métodos e conceitos são indispensáveis para sua formação, levando em conta estes, o trabalho tem como objetivo analisar as críticas dos pensadores estruturalistas a História e a defesa dos historiadores, tendo como foco dois personagens distintivos e antagonísticos, Levi Strauss e Ferdinand Braudel. Para a elaboração do trabalho, foi realizada análises bibliográficas que tinha como foco, teorias relacionadas a História. Conclui-se que o estruturalismo e a historiografia, enquanto estiverem lutando por espaço nos meios acadêmicos, sempre haverá divergências, sendo possível um trabalho interdisciplinar entre ambas as partes.

**PALAVRAS-CHAVE:** História, Historiografia, Estruturalismo, Levi Strauss, Ferdinand Braudel.

### Implications structuralist on History

Summary: To analyze history as a science and discipline is essential to understand the foundations that support them, methods and concepts are essential for their training, taking into account these, the work aims to analyze the criticism of structuralist thinkers history and defense of historians, focusing on two characters distinctive and antagonistic, Levi Strauss and Ferdinand Braudel. For the preparation of the work was carried out bibliographic analysis that was focused, theories related to history. It follows that structuralism and historiography, while fighting for space in academic circles, there will always be differences, if possible an interdisciplinary work between both parties.

**KEYWORDS :** History, Historiography, structuralism, Levi Strauss, Ferdinand Braudel

## INTRODUÇÃO

Compreender sobre teorias e métodos são indispensáveis para um bom historiador e pesquisador, e mais do que isso se posicionar com relação a elas é fundamental. A ciência não se estabelece sem métodos, não existem pesquisas na ausência do método, a opção teórica é escolha. Existem vários métodos para as várias áreas do conhecimento, podemos escolher métodos por identificação com autores e suas ideias, eles nos proporcionam uma determinada visão de mundo, nos levam a posicionamentos. A realidade é à base dos métodos científicos, mas o real não é ciência, a ciência vai além das aparências.

Levando em conta a História como ciência, este trabalho tem como objetivo apresentar as principais críticas feitas por pensadores adeptos da corrente estruturalistas à

---

<sup>1</sup> Graduado em Licenciatura em História pela Faculdade de Rolim de Moura- FAROL. Bacharelado Direito pela Universidade Federal de Rondônia- UNIR. Especializando- se em História da Amazônia Com ênfase em História de Rondônia. E-mail: [Waguini11@hotmail.com](mailto:Waguini11@hotmail.com).

História; e em contrapartida, apresentar os principais respaldos dos historiadores, no que toca a história como ciência.

A pesquisa se torna relevante, pois, contribuirá para a compreensão das correntes que marcam o século XX, e principalmente o impactos que as mesmas tem nas análises e produções historiográficas. Além disso, se torna interessante pelo fato de duas posições que se chocam, uma posição conservadora e uma renovadora, pois em contexto histórico, onde o mundo e as ciências estão intimamente se conectando, é necessário repensar a história como ciência, em face a diversas outras ciências.

O trabalho teve como metodologia a pesquisa bibliográfica, tendo como requisito os principais embates teóricos e metodológicos acerca destas correntes. No primeiro momento será apresentado uma breve análise da formação ideológica da questão científica para a sociedade, com ênfase nas contribuições iluministas e positivista, logo em seguida será enfatizado as críticas dos estruturalistas em relação à História e as respostas dos historiadores para estes ataques estruturalistas.

### **1. Ideia da cientificidade para a sociedade moderna.**

Por muito tempo o homem sempre esteve atrás de respostas para suas perguntas. Sempre partindo de uma dúvida para se chegar ao esclarecido. Perguntas sendo respondidas e muitas deixando a desejar. O interessante é que, enquanto encontramos uma resposta, muitas outras perguntas aparecem e vice e versa, servindo para nos desorientar. Levando em conta que o homem é dotado de necessidades, uma das maiores que lhe pertence é o desejo de saber, mas saber no sentido comprovável, demonstrativo, onde seus sentidos possam captar. Ajuntando perguntas, respostas e sentidos, criou-se a ideia de ciência, aquilo que nos traz respostas comprováveis, sem juízos de valores, assim como afirma Albert Einstein relatado por Simon (SINGH, 2006, p. 459) "A ciência só pode determinar o que é, não o que deve ser, e fora de seu domínio permanece a necessidade de juízos de valor de todos os tipos".

A ideia de ciência e a forma de se estabelecer respostas a seu campo de pesquisa estiveram por certo período estereotipado pela sociedade. Isso ocorreu na idade média ou idade das trevas, cuja as fontes de conhecimento estavam detidas nas mãos dos membros da igreja. Estes incitavam as pessoas da época a acreditarem que todas as respostas seriam adquiridas mediante a fé. A alienação educacional clerical propagada no período contribui

para uma falta de desenvolvimento intelectual, que propusesse a melhor aceitação dos métodos científicos dentro da sociedade, com isso tal educação influenciou em vários aspectos da cultura da época, como afirma Gilberto (COTRIM, 2005, p. 132). “O poder da Igreja Católica pode ser avaliado pelo controle que o clero exercia sobre a educação. Nas escolas dos mosteiros ou nas que existiam juntos as catedrais, o clero influenciava diversos aspectos da transmissão da cultura”.

Foi a partir do renascimento no século XV, principalmente com influência dos valores humanistas de curiosidade intelectual, de desejos de aventuras e exploração do mundo, que a sombra que encobria a razão começou a ter menos influencia no aparato ideológico da sociedade. O homem passa de uma simples marionete condenada à contemplação do divino, para um ser dotado de racionalidade, cuja a obra de inspiração e adoração é o próprio homem e aquilo que faz parte de sua vida.

Ressalta Cotrim (2005, p.148).

“Em contraposição da mentalidade medieval, em que as pessoas eram vistas coletivamente incluídas no mundo cristão, os tempos modernos permitiam brechas para as manifestações individuais, seja na economia, nas artes, na filosofia e nas ciências. Isso se reflete no humanismo que desenvolveram estudos da natureza, motivados pela vontade de construir conhecimento”.

Decorrido três séculos depois do renascimento o mundo mais uma vez traz à tona um sentimento de mudança. Com o desenvolvimento do capitalismo e as novas correntes que vão contra o sistema do Antigo Regime, aparece nos trilhos da história como século das Luzes ou iluminismo, como ressalta Cotrim (2005, p. 266) “Durante o século XVIII, conhecido como século das Luzes, desenvolveu em alguns centros da Europa o iluminismo, que correspondia aos interesses daqueles que desejavam mais liberdade política e econômica (...). Com isso o iluminismo abriu caminhos para as revoluções que combateram o antigo regime”.

Os iluministas além de irem contra o antigo regime, buscavam nos seus estudos adaptar leis gerais dos fenômenos físicos as outras áreas do conhecimento. Foi neste contexto que os historiadores viram a possibilidade de criar leis que explicassem a estrutura e a mentalidade da sociedade. Logo em seguida com o advento do positivismo e valorização do método científico, ouve na historiografia a necessidade de análises objetivas, ou seja, algo comprovável, assim como ressalta Barros (2013, p. 54).

“Boa parte dos iluministas da segunda metade do século XVIII, havia passado a responder a primeira pergunta (o que encontrar na história) em termos de uma

grande busca de leis e generalizações. Almejavam compreender na História, o que estava por trás da história. Haveria leis presentes por trás do desenvolvimento da sociedade humanas, tal como regiam os fenômenos físicos? Esta busca seria dos positivistas no século seguinte.

Analisando a trajetória de implantação da ciência como alternativa de respostas à sociedade, e sua ramificação e adaptação para outras áreas do conhecimento como a historiografia, podemos assim considerar que o homem sempre esteve atrás de verdades que pudessem dar sentidos as suas indagações, como afirma Barros (2013, p. 41).

“Apesar da existência da historiografia que precede a modernidade, de métodos os mais diferenciados para assegurar a verdade, e ao lado dos diversos usos para esta verdade histórica que era perseguida pelos historiadores gregos, romanos, medievais, renascentistas, podemos dizer que entre todas as formas historiográficas a intenção de verdade ocupava um lugar central na produção destes tipos de conhecimentos, como ainda hoje”.

## **2. Críticas estruturalista em relação à História e a resposta dos historiadores aos ataques estruturalistas.**

Citado no início do artigo a afirmação de George Araújo de que “entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, as ciências humanas encontravam-se em uma crise teórica e de identidade” (ARAÚJO, 2011, p.153). Tal afirmação nos coloca uma dúvida, por que as ciências humanas estariam passando por uma crise teórica e principalmente de identidade?

A resposta à pergunta estaria no seu contexto social e histórico. Como podemos analisar no primeiro item, sobre a questão do desenvolvimento da ideia científica e sua adaptação ao meio social, esta inserção das ciências naturais contribuiu para que as ciências sociais não atendessem as novas exigências, isso por que as ciências naturais possuíam métodos que trazias respostas objetivas e confiáveis, enquanto as ciências sociais possuíam métodos questionais sobre a validade dos fatos apresentados em suas pesquisas. O fato das ciências sociais não possuírem um método confiável e a segurança que as ciências naturais traziam nas suas pesquisas, fez com que a primeira perdesse credibilidade e identidade, enquanto a segunda garantiria confiança e hegemonia.

Vários autores percebendo as novas exigências de análise que estavam sendo apresentados elaboraram métodos de pesquisas que buscavam mais veracidade e objetividade

nas suas pesquisas. Foi neste contexto que Ferdinand de Saussure, no seu intitulado curso de linguísticas, criou o conceito estruturalista.

Na visão de Jean Piaget a estrutura seria “um conjunto de relações formais entre elementos que formam um sistema organizado em uma totalidade coerente autorregulada e intemporal, regida por leis internas, capaz de arranjar os seus elementos constitutivos ou ainda de torna-se parte de uma estrutura maior, sem que isso signifique sua dissolução na mesma” (PIAGET, 1979, p. 5-17).

Posteriormente várias outras correntes viram a possibilidade de adaptar a abordagem estrutural em suas correntes científicas, como afirma Araújo (2011, p. 154) “Este método de abordagem estrutural da linguagem inspirou pesquisas em outras áreas como psicologia, sociologia, matemática, antropologia, etc.”.

Levando em consideração este novo paradigma e as novas exigências, vários autores, em destaque para o francês Claude Levi Strauss, passaram a crítica fielmente as áreas das ciências humanas. Isso por que como afirma Araújo (2011, p.155) “Para Levi Strauss as ciências humanas, não poderiam ser consideradas verdadeiras ciências, pois ao contrário das ciências naturais, não possuíam um modelo científico que pudesse prover resultados objetivos na análises de seus objetos de pesquisas”.

Para que Strauss chegasse a tal conclusão, observou nas áreas humana e principalmente na História, que seu método de investigação era deficiente, isso por que a história é duplamente parcial e trabalha com questões subjetivas, como afirma Barros.

“Para o desenvolvimento sistemático de historiografia científica, foi fundamental essa percepção da subjetividade humana interfere na produção da fonte desde o princípio e de que, portanto, o historiador deve examinar o contexto de produção de todo e qualquer documento, as suas conexões, a singularidade daqueles que o que nele interferiram” (BARROS, 2013, p. 140).

A solução proporcionada por Strauss, para um estudo mais objetivo da sociedade, estaria na Antropologia estrutural ou social, onde utilizaria métodos científicos das ciências naturais, acabando com a divisão artificial das ciências humanas e naturais. Este método tem como foco entender o ser humana no seu íntimo, ou seja, encontrar leis gerais ou estrutura que dão sustentabilidade para as manifestações visíveis que a história tanto faz uso, como afirma Araújo.

”Levi Strauss não deseja apenas elevar as ciências humanas ao patamar das ciências naturais, mas proporcionar um método de análise capaz de entender o homem no seu íntimo, no nível mais profundo de sua estrutura psíquica permanente para além das manifestações mais visíveis e superficiais” (2011, p.155).

A ideia de estrutura e leis gerais acaba por fazer Strauss defender que existe algo que sustenta tudo que observamos ou relatamos, sendo ainda esta força imóvel, universal válido para todas as épocas e lugares, como relata Araújo (2011, p. 158) “Não há diferença real entre primitivo e moderno, selvagens e civilizados, já que todas as sociedades possuem as mesmas estruturas subjacentes”.

Depois de sofrerem várias críticas, sobretudo de Levi Strauss, os historiadores procuram dar uma resposta a estes desafios teóricos. Entre os historiadores se destaca o francês e um dos mais importantes representantes da Escola dos Annales, Ferdinand Braudel. Este defende que “apenas a história poderia ser a síntese das ciências humanas, pois é a única que tem acesso a um conjunto dos saberes particulares, ao conjunto dos conjuntos. Absolutamente tudo é histórico, incluindo o espaço, o político, o econômico e o cultural” (ARAÚJO, 2011, p.162).

Ainda afirmava que a história utilizava um método estrutural bem antes das próprias correntes estruturalistas. Como Braudel publica em 1949, bem antes das críticas serem feitas, a obra “O mediterrâneo e o mundo mediterrâneo de Filipe II”, dividida em três tempos, o tempo Geográfico (longa duração), tempo social (média duração) e tempo individual (curta duração), acaba por apresentar algumas ideias dos estruturalistas em sua obra historiográfica. Isso por que ao utilizar o termo longa duração, acaba construindo uma história estrutural, que busca encontrar os segredos que dão base para a existência de todas as histórias possíveis, como afirma Araújo (2011, p. 161) “Para Braudel, as estruturas em história são os limites, os obstáculos, as resistências, as permanências, mas também o suporte da vida, da história, de todas as histórias”. François Dosse ainda afirma em relação aos dados estruturais que “qualquer tentativa de mudança, revolução e transformação das condições existentes está fadada ao fracasso: a estrutura é soberana” (DOSSE, 2001, p. 165).

Para não deixar de lado a média e curta duração, os acontecimentos e fatos que a história tanto faz uso, Braudel tenta unir eventos e estruturas as quais os antropólogos e sociólogos não aceitavam, através da dialética da duração, como relata Araújo (2011, p. 163) “Braudel entende que é errôneo opor evento e estrutura, como fazem os sociólogos e

antropólogos. Os historiadores não cometem tal falta, pois entrelaçam evento e estrutura no que chamou de dialética da duração”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hoje percebemos no mundo acadêmico um leque de opções de formulas, métodos e conceitos de pesquisas, muitos destes se entrelaçam em um processo interdisciplinar, com o objetivo de produzir conhecimentos viáveis e de credibilidade, outros se chocam por interesses antagônicos e por disputas de status na academia científica.

Neste contexto pude observar que as críticas dos estruturalistas a História, foram apresentadas por causa da perda de espaço acadêmico entre as ciências. Os estruturalistas aproveitando das novas exigências que as ciências naturais introduziram na sociedade de métodos e objetivos consistentes, procuram na historiografia falhas metodológicas em suas pesquisas, dizendo que as mesmas possuíam métodos deficientes, onde não atendia aos novos requisitos existentes.

Em contrapartida como uma forma de autodefesa os historiadores apresentam argumento procurando desqualificar estas implicações, afirmando que antes mesmo do conceito estrutural, já faziam pesquisas estruturalistas. Dar uma resposta de qual está correta, apenas reforçaria a disputa e desqualificaria a opinião do outrem, pois cada um possui sua própria convicção, cabendo ambos trabalharem juntos para o desenvolvimento científico que beneficie a sociedade em geral.

## REFERENCIAS

ARAÚJO, George. **Considerações sobre as relações entre estruturalismo e história.**

Catalão. OPSIS, 2011.

BARROS, José D' Assunção. **Teoria da História/** José D' Assunção Barros. – 3. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

COTRIM, Gilberto, 1955-, **História global – Brasil e Geral – Volume único/** Gilberto Cotrim. -8. Ed.- São Paulo: Saraiva, 2005.

DOSSE, François. **A história.** Bauru: Edusc, 2003a.

PIAGET, Jean, 1970. **O estruturalismo.** São Paulo, 1979.

RAMAZINI, Haroldo. **Introdução à Linguística Moderna**. São Paulo ícone, 1990, p.25.

SINGH, Simon. **Big Bang**. Rio de Janeiro; São Paulo: Editora Record, 2006.

Recebido para publicação em agosto de 2015

Aprovado para publicação em agosto de 2015